

O Cotidiano dos Operários Faraônicos

Margaret Marchiori Bakos

Résumé:

Étude sur la correspondance du quotidien égyptien qui s'a trouvé dans la cité de Deir el Medina.

Na linguagem comum, o termo cotidiano significa 'o que se faz ou sucede todos os dias'.

Tal definição foi popularizada através de uma coleção, intitulada "A vida cotidiana", onde se inclui o livro "O Egito no tempo dos Ramsés", um dos mais conhecidos sobre a História dessa civilização. Ele se propõe a analisar duzentos anos de História, de 1300 a 1100 a. C., em todo o território egípcio. Apresenta um sumário de 12 capítulos com os seguintes títulos: A habitação, O tempo, A família, As ocupações domésticas, A vida no campo, As artes e os ofícios, As viagens, O faraó, O exército e a guerra, Os escribas e juízes, A atividade nos templos e, por último, Os funerais.

Esse livro, de Pierre Montet, publicado pela primeira vez em 1946, pela Librairie Hachette, oferece ao leitor, a partir do marco cronológico exaustivo, uma gama enorme de informações, que muito pouco esclarecem sobre o que é exatamente o cotidiano no antigo Egito. Segundo conceitos desenvolvidos pela nova história, ele nos informa sobre a habitação, o vestuário, a alimentação e o trabalho, de uma maneira superficial e generalizadora.

A partir dos Annales e no decorrer da História Nova, foram sendo formuladas maneiras de pensar, de narrar e de explicar uma sociedade, com base em pesquisa de cunho histórico, na busca do cotidiano

Muitas pesquisas desenvolvidas sobre o Egito Antigo, a partir daí, trouxeram inúmeras e diferentes visões sobre o que seria o cotidiano naquela civilização, sem nos preocuparmos em sistematizar tais estudos, vamos apenas referir pessoas e obras que clarearam o cotidiano dos operá-

rios dos faraós, no decorrer das dinastias XIX e XX, período do Novo Reino, em um local específico: a Vila de Deir el Medina.

É extremamente comum, nos trabalhos dos novos historiadores da antiguidade, a adoção dos conceitos de cotidianidade, desenvolvidos por Jacques Le Goff e Michel Maffesoli. Neste artigo, vamos analisar o cotidiano dos operários dos Faraós, à luz do conceito de Agnes Heller, raramente utilizado para iluminar tais estudos.

Nascida em Budapest, em 1929, e considerada uma das mais brilhantes colaboradoras de Lukacs, Heller tem pautado sua atividade intelectual no estudo das relações entre a ética e a vida social. Nas palavras da autora a vida, cotidiana é, antes de mais nada, a vida de todo homem:

Todos a vivem, sem nenhuma exceção qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais 'insubstancial' que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. (HELLER: 1970,17)

Como, a partir dessa conceituação, podemos resgatar o cotidiano dos operários dos faraós, na Vila de Deir el Medina? Primeiramente, identificamos a sua mensagem: "a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade." (HELLER: 1970,17) Em um segundo momento, esmiuçamos os seus elementos: no cotidiano colocam-se em uso sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, idéias e ideologias dos homens, genericamente falando.

A vida cotidiana, seguindo o raciocínio de Heller, é heterogênea, tendo como partes orgânicas os lazeres, o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio, a purificação e naturalmente a organização do trabalho e da vida privada.

As fontes para falar sobre o cotidiano do operário faraônico, em Deir el Medina, à luz de tais questões, são diversas, ricas e incontáveis. Elas vêm aparecendo desde o século XVII, quando o Padre Claude Sicard (1677-1726) redescobriu a Vila de Tebas, a atual Luxor dos árabes. Ele mostrou o caminho para muitos outros viajantes aventureiros, como Richard Pococke (1704-1765), que visitou, as tumbas do Vale dos Reis e referiu, pela primeira vez, o templo Ptolomaico existente nas cercanias da então, coberta de areia, vila de Deir el Medina.

O primeiro objeto cuja procedência de Deir el Medina foi identificada apareceu em 1777, adquirido por um Monge italiano. (BIERBRIER: 1993, 167).

A situação política, que se modificou radicalmente em 1798, quando Napoleão Bonaparte invadiu o Egito, propiciou a ida de europeus a esse País, o desenvolvimento dos estudos sobre aquela civilização na antiguidade, a descoberta do significado da escrita hieroglífica e, finalmente, uma verdadeira egiptomania, no mundo ocidental, inclusive no Brasil.

Bernardino Drovetti (1776-1852), Consul Francês, foi um dos primeiros a aproveitar a 'onda' e a enriquecer com o tráfico de antiguidades do Egito para a Europa. Ele teve muitos seguidores, entre os quais o italiano Belzoni, responsável direto, pela descoberta, e indireto, pela presença de peças egípcias no Museu Nacional do Rio de Janeiro

Entre os anos de 1811 e 1815, o sítio de Deir el Medina foi descoberto e sua exploração iniciada. O primeiro trabalho arqueológico, em grande escala, foi feito por Ernesto Schiaparelli (1856-1928), seguido por Nicolau Drovetti (BIERBRIER).

Com a vinda da Missão Arqueológica Francesa (1880-81), depois transformada em Instituto Francês de Arqueologia Oriental, e com a equipe inglesa criadora de "A Egypt Exploration Society", desenvolveram-se novos métodos de exploração arqueológica, os quais passaram a valorizar pequenos elementos, antes desprezados, nas escavações, como cerâmicas, pedras, amuletos, utensílios.

Alguns arqueólogos, como Howard Carter (1874-1939) e Schiaparelli, descobriram e revelaram ao mundo, em contraste com as construções monumentais, criações mais triviais egípcias, como as ostraca.

Os trabalhos mais recentes em Deir el Medina foram feitos pelo Instituto Francês de Arqueologia Oriental, cujo início remonta a 1917, sob a direção de Bernard Bruyère (1879-1951). Em 1925, juntou-se a essa equipe o filólogo, de origem tcheca, Jaroslav Cerny (1889-1970) que, a partir de então, dedicou sua vida ao estudo da comunidade de trabalhadores de Deir el Medina.

Poucos sítios arqueológicos do Egito faraônico permitem uma evocação visual tão clara, na atualidade, e legaram registros tão minuciosos da vida privada, em época tão longínqua, quanto a vila de Deir el Medina.

Cerca de 1500 ostraca já foram publicadas, com anotações e cartas pessoais, tão numerosas que já constituem um gênero, não literário, próprio. (GASS Apud DEMARÉE: 1991, 52)

Tais fontes já foram exaustivamente analisadas, por muitos egiptólogos, à luz de diferentes questionamentos, como, por exemplo, os livros de Madeleine de la Monica, "Les class ouvrier sous les pharaons", e Jaroslav Cerny, "Community of workmen".

Neste trabalho vamos analisar, entre as centenas disponíveis, algumas cartas pessoais, escritas pelos trabalhadores a seus familiares, ao lon-

go da XIX e XX dinastias. Tais cartas se encontram publicadas em língua inglesa e italiana. Desde a época em que foram escritas em hierático ou hieroglifo, em ostraca e papiros, até que nos chegaram, passou-se um longo período de tempo, e elas sofreram passagens de língua e de função: destinam-se, do uso privado, ao público.

Através desta análise, buscaremos entender o cotidiano dos trabalhadores, evitando generalizações e procurando, em cada carta, os atores históricos, como eles são, suas personalidades instáveis, capazes de ações voluntárias, pautadas por decisões sem certezas. (LEVI: 1989, 1333) O referencial pauta-se nos conceitos de Heller sobre o cotidiano como uma instância em que o homem aparece por inteiro como um ser particular e um ser genérico.

Através de sua correspondência, o trabalhador de Deir el Medina, escreveu em torno da dialética entre o ser e o ter, o dizer e o fazer; a circulação e o intercâmbio de palavras. Ele revelou, na correspondência, o seu sentido de identidade pessoal e com o seu contexto. O conhecimento e a percepção dos entendimentos distintos pode, através do diálogo, encontrar parcelas comuns de significados e de pensamentos, em “uma viagem de ida e volta, onde um não é senão o outro, onde os demais são um todo.” (FERRER: 1994, p. 29)

Segundo Martha Robles, “as palavras são um ponto de partida para um universo de símbolos, de imagens e de significados que, em seu conjunto, assinalam aquilo que os homens tem por sagrado em sua existência”. (FERRER: 1994, 58)

Sabedores de que não há leitura ingênua, não buscamos simplesmente reconstruir o passado e, sim, reconstruir experiências vividas, sentimentos expressos. Nesse sentido, é mister reproduzir as cartas, pois funcionam como descrições densas, permitindo aos leitores participarem da leitura dos sentidos possíveis. Vamos começar pela análise de uma carta que relaciona bens, valores materiais, constantes em um inventário, apontaremos, a seguir, cartas que tratam de relacionamentos de trabalho e familiar e concluiremos com duas cartas específicas sobre sentimentos.

Na carta a seguir, vemos os objetos materiais que faziam parte da vida cotidiana de uma pessoa, cuja identificação se perdeu.

Dinastia XIX

Para informar você das coisas que deixei na vila (Deir el Medina): três medidas “khar” de cevada, e uma medida e meia ‘khar’ de trigo, vinte e seis feixes de papiros, duas camas, uma cesta de roupas (?), dois descan-

sos para um homem, dois bancos de dobrar, uma caixa, uma caixa in-crustada (?), um banco, duas chapas de pedra, dois escabelos, dois bancos de dobra de madeira, uma cesta de feijões com cerca de três medidas 'oipe', doze tijolos de natron, duas peças de mobília 'iker', uma porta, duas peças de serrar madeira, dois tabletes de oferendas, um pilão, dois recipientes 'medjay'.

Elas estão com Pashed e a mulher Sheritre, todas registradas.

Um último ponto para Sheritre: "Por favor deixe Amenemwia morar na minha casa para que ela possa olhar por ela. Por favor me escreve sobre suas condições." (WENTE: 1990, p.138)

Para situarmos a importância dessas coisas no contexto, é preciso pesquisar sobre as unidades de valor ali descritas. Por exemplo, Khar é um sistema de formular preços, pelo qual o valor de uma coisa é comparado com uma quantidade de grãos. (JANSSEN: 1975, 109) Khar equivale a cerca de 76,88 litros e a medida oipe corresponde a 1/3 disso, ou seja, 19,22 litros. A mobília "iker" seria uma espécie de mala (de madeira) para levar no barco. (JANSSEN: 1975, 378)

O cinzel medjai era um dos instrumentos de trabalho mais importantes para os carpinteiros, mas também uma ferramenta fundamental para escultor de relevos nas paredes das tumbas. Diferentemente de outras ferramentas, ele tinha uma parte de madeira para segurar; o feitiço era diferente do escareador, ferramenta apropriada para ampliar um buraco. (JANSEN: 1975, p. 318)

O papiro preparado para escrever era medido em rolos, de 40, 48 cm até 4 m. Embora fossem caros, não eram tanto quanto se pensava, pois muitos foram encontrados em Deir el Medina. Um papiro incompleto custava não mais de 1 deben. Uma carta de 25 cm custava 1/16 deben. É claro que as ostraca, sendo gratuitas, eram mais utilizadas.

A rede de referências sobre os valores materiais, entendidos como tudo aquilo que faz parte do genericamente (HELLER: 1970, 4) do remetente da carta, completa-se quando ele manifesta preocupação sobre a sua casa e solicita que uma pessoa more nela, para melhor cuidá-la.

A carta, a seguir, manifesta uma rede diferente de valores com referência a pessoas, sentimentos e perdas.

Dinastia XIX

Escrita por Kenhikhopeshef para uma mulher, Inerwau:

O que significa o fato de que você ainda não foi até a mulher adivinha para saber tudo sobre as duas crianças que morreram quando estavam sob

os teus cuidados? Pergunte à mulher adivinha sobre a morte das duas crianças, se era seu destino. E você vai perguntar sobre elas para mim e ter uma resposta sobre minha própria vida e a vida da mãe delas. Sobre qualquer deus que seja mencionado você vai me escrever explicando sua identidade. Você vai render homenagem para aquele que se conhecer a ocupação. (?) (WENTE: 1990, p. 141)

Kenhikholeshef mostra-se preocupado com o aqui e o agora, com a integridade física dele e da esposa, buscando organizar um ritual de purificação.

Os deuses egípcios não estavam distantes das pessoas, tinham uma parte ativa na vida da comunidade. Era possível consultar os deuses através de pessoas importantes, as quais respondiam pelos oráculos. A consulta a oráculos está amplamente documentada nos templos como os de Karnak, onde os deuses se pronunciavam principalmente diante dos sacerdotes. Diz-se que o rei deificado — Amenófis I — era consultado como oráculo em Deir el Medina. Essas consultas eram feitas sobre reivindicações de bens e não de cargos. Se a decisão da corte civil é contestada ou não decide a questão, o deus pode ser chamado a opinar. Durante a consulta ao oráculo, a imagem do deus é levada até o pedinte, pelos artesãos sacerdotes. (BIERBRIER: 1982, p. 133)

A cobrança de Kenhikholeshef instiga uma dúvida, provavelmente irresolúvel: quem era Inerwau? Por que lhe cabia consultar o oráculo? Era uma pessoa ligada às atividades curativas?

A carta que segue relata novamente o envolvimento de pessoas e suas moradias. A casa era, para os antigos egípcios, como um microcosmo — um local ordeiro no caos, construído geralmente para cada casal. Se feita nos moldes ideais, a casa deveria ter sombra, água, luz e flora.

Dinastia XIX

Escrita pelo trabalhador Horemwia para sua filha Tanetdjessere:

Você é minha boa filha. Se o trabalhador Baki a jogar fora de sua casa, eu tomarei uma atitude! Quanto à casa, esta é a que pertence ao Faraó (...), mas você pode habitar na ante-sala do meu depósito porque fui eu quem a construiu. Ninguém no mundo poderá tirar você daqui. (WENTE: 1990, 147)

Horemura, ao oferecer moradia à filha, se ela fosse maltratada ou expulsa de casa pelo marido, manifestou desvelo paternal. Mostrou ainda sua posição quanto ao usufruto de uma propriedade real, declarando expli-

citamente que dela dispunha apenas para o exercício de suas funções, o que excluía até mesmo a possibilidade de hospedar parentes.

O desvelo de um pai, o autoritarismo de um marido, a aflição de uma mulher, diante da possibilidade de não ter onde morar, e a busca de apoio junto ao genitor são os sentimentos revelados por essa singela missiva:

Deixe Nekhmut jurar um juramento para o senhor de que ele não irá abandonar minha filha.

O juramento foi feito tal como segue:

Assim como Amon vive e o governante vive, se eu um dia desertar da filha de Telmont, eu serei sujeito a uma centena de chicotadas e eu perderei tudo o que adquiri juntamente com ela. (WENTE)

Não sabemos o porquê da pena física, mas a entrega dos bens à mulher revela, no mínimo, um sentimento de avareza por parte daquele pai, desconfiado, ao que tudo indica, do comprometimento de Telmont na união com a filha. (BAKOS, MM: 1996, 158)

Na missiva, a seguir, evidenciam-se relações de parentesco ainda mais complicadas. Trata-se de uma carta de uma 'senhora da casa', denominada Takhentyshepse, dirigida a sua irmã Tye. Pela leitura do documento, entendemos que Merymaat, marido da missivista, estava ameaçando abandoná-la. A razão para isso, segundo a 'senhora da casa', era que Merymaat estava muito irritado com a ajuda que Takhentyshepse concedia a sua mãe, e de Tye. Vejamos o que diz a carta

Dinastia XIX

Escrita por Tahentyshepse para sua irmã Tye:

Eu lhe enviarei a cevada, e você a moerá para mim e acrescentará trigo. E você fará pão para mim com isso, porque eu tenho estado brigando com Merymaat (meu marido). "Eu me divorciarei de você", ele fica dizendo quando ele briga comigo por causa de minha mãe perguntar a quantidade de cevada requerida para o pão. "Sua mãe não faz nada por você", ele fica dizendo e mais "Embora você tenha irmãos e irmãs, eles não tomam conta de você", ele fala em discussões diárias. E ainda, "Agora veja, isto é o que você tem feito para mim desde que eu tenho morado aqui, ao passo que todas as pessoas fornecem pão, cerveja e peixe diariamente (para) seus membros da (família). Em resumo, poderia você dizer algo, você terá que voltar para a terra preta, será bom para você se tomar nota." (WENTE: 1990, p. 147).

É interessante que os três itens, pão, cerveja e peixe, são coisas mais baratas na Vila, segundo Jansen. (JANSEN: 1975, 350)

As mulheres normalmente faziam o pão em casa com as rações ganhas pelos trabalhadores. A cevada para a cerveja e o peixe também eram fornecidos em abundância para os trabalhadores.

Voltar para terra preta seria sair da vila e perder os referências de parentesco e de amizade ali desenvolvidas.

Pela carta, vinda de Deir el Medina, da XIX dinastia, inferimos o drama de Takhentyshepse, causado pelos protestos do marido, porque ela estava sendo caridosa com a mãe. Isso revela um pouco do que acontecia entre as paredes das casas. Tais ilações, se, por um lado, valorizam a sensibilidade daquelas pessoas, por outro, impõem questões irrespondíveis. Podemos pensar que, no Egito Antigo, tal como hoje, a violência e o egoísmo estavam mais fortemente presentes na intimidade dos recintos privados? Ou estaria Takhentyshepse exagerando, para a irmã, o acirramento da relação entre ela e o marido, apenas na busca de libertar-se dos encargos para com a mãe de ambas? Dificilmente saberemos a resposta, mas, entendida por qualquer um dos lados, a leitura resgata uma cantilena egoísta, a evidenciar e a comprovar a antiguidade desse sentimento. (BAKOS, MM: 1996, 160)

Dinastia XIX Ramsés II

Endereçada pelo desenhista Pay para seu filho, o desenhista Preemhab:

por favor faz os acordos para obter os dois amuletos com forma de coração de faiança, sobre os quais eu contei a você. “Eu pagarei seu proprietário o que ele exigir pelo preço deles. E deverás fazer os acordos para obter resina fresca a qual lhe mencionei para envernizar o caixão de sua mãe. Eu pagarei o seu dano por este. E você deverá tirar esse trapo de saio e esse trapo de tanga para refazer o saio e em uma faixa vermelha e a tanga em um avental. Não ignore do que eu tenho-lhe contado. Faça isto.

Amuletos continham poderes mágicos, provendo o portador com benefícios extra-humanos. Seu poder potencial era determinado pelo material, cor, formato ou palavras gravadas. Os vivos usavam-nos pendurados nas roupas e os mortos, nas faixas (BUNSON). O formato do coração evocava a consciência.

As cores também tinham um código de comunicadores. Por exemplo, acreditavam que o vermelho tinha um forte efeito sobre os sentidos, mais que todas as outras cores, e simbolizava a vida e a vitória. Durante celebrações, eles pintavam os corpos com tinta vermelha ocre e portavam jóias com pedras vermelhas. (LURKER: 1974, p. 100)

Seth, que ficava na proa do barco divino e apunhalava a serpente do outro mundo, tinha cabelos e olhos vermelhos. Era uma cor associada à ira e ao fogo destrutivo. (LURKER, p. 100) O número dois era a expressão da dualidade, e, então, a criação do que está acima e do que está abaixo, do dia e da noite, da mulher e do homem. (LURKER, p. 88)

Os egípcios viam os mortos como entidades com sabedoria e poderes capazes de iluminar a vida dos sobreviventes. Diferentemente de outras sociedades, os defuntos não eram na essência malignos. Como os vivos, eles sofriam oscilações no humor, em decorrência do tipo de relação afetiva que os sobreviventes com eles mantinham. tais laços sentimentais influenciavam os defuntos a proteger ou a atormentar os parentes vivos.

O tom admoestador de Pay, os detalhes das coisas que reivindica quanto ao material, cor e preços indicam um missivista muito minucioso, um pai exigente, um marido cortês. Indica ainda que ele, desenhista, cuidou em passar seu ofício para o filho. O cuidado que recomenda o filho ter com as vestes e a advertência final projetam o conhecimento do papel social dele e do filho, em uma comunidade. Da missiva de Pay e Preemhab destaca-se a relação familiar e de trabalho, mostrando a riqueza das partes orgânicas dessa visão do cotidiano.

A carta a seguir aponta um relacionamento em moldes semelhantes.

Dinastia XX — Ramsés IX

Escrita pelo escriba Pabaki para seu pai, o desenhista Maaninakhtedf:

Eu tenho pensado no que você tem me dito: “Deixe Ib trabalhar com você”. Agora veja, ele passa todo o dia trazendo o jarro de água, não sendo outra tarefa pedida para ela, cada e todo o dia. Ele não tem considerado sua admoestação: “O que você executou hoje?” Veja, o sol está se pondo e ele está ainda longe com o jarro de água.

Quatro coisas eram fundamentais em Deir el Medina, água, madeira para fogo, palha, estrume para adubo, as quais normalmente eram dadas aos trabalhadores pela administração. (JANSSEN: 1975, p. 448) Algumas vezes eram dadas como pagamento, e nesse caso, chamadas de carga de asno — burro.

Na vila não havia poço, e toda a água tinha de ser trazida de algum ponto próximo do Nilo. Isso era feito pelos ‘inw-mw’, uma categoria inferior de trabalhadores, para cujo trabalho usavam burros. Eles vagavam entre os moradores, que provavelmente tinham de pagar a quantidade extra de água. Não sabemos de onde os inw-mw tinham os burros.

Já a madeira para fogo era dada em grande quantidade para os trabalhadores, o mesmo acontecia com a palha e o estrume.

Qual a teia de relações que a carta revela? Maaninakhtedf, por alguma razão, usou habilidade manipulativa para que o filho — Pabaki — aceitasse uma pessoa — Ib — para trabalhar, quando ele se revelava inoperante. A relação estabelecida entre o pôr do sol e o fim do tempo do trabalho diário configura um fato; Ib não prestava um bom serviço.

A carta a seguir trata de questões de ordem psicológica, inusitadas na historiografia tradicional sobre o Egito Antigo:

Dinastia XX Ramsés III-IV

Para o escriba Nekhemut:

Vida, prosperidade e saúde no favor do deus Amon, Amon-Ra, rei dos deuses, seu bom senhor, todos os dias. O que significa que você está em tão péssimo humor que nenhuma fala de ninguém entra nos seus ouvidos como consequência do seu “ego” estar tão inflado? Você não é um homem se for incapaz de engravidar sua mulher como seus companheiros. Outro assunto: você abusa em ser excessivamente explorador. Não dá nada a ninguém. Aquele que não tem filhos, adota um órfão para criar. Toma responsabilidade de por água nas mãos dele considerando-o seu filho mais velho.

A partir dessa carta, é importante pensarmos o quanto os filhos eram valiosos para os egípcios antigos face ao seu referencial mitológico. Foi Horus — filho de Osíris — quem o vingou da cruel traição que sofreu do irmão Seth. Chamar a atenção de alguém, por não ter descendentes e não tentar adotar um, significa dizer que não está preocupado com a vida após a morte, pois é aos filhos que cabem obrigações com os rituais funerários.

Muitas vontades e heranças foram deixadas. Muitas mulheres eram independentes devido a bens recebidos de pais ou maridos. Casais sem filhos adotavam crianças para passarem os seus bens, e elas não precisavam ser órfãs.

Isso se ilumina, à luz da visão de Heller sobre o cotidiano, como sendo pragmático, pois todas as atividades nesta instância se fazem acompanhar por certa fé ou confiança. (HELLER: 1970, 34)

As adoções podiam complicar, como hoje, as relações familiares e de trabalho dos envolvidos. No reino de Ramesés II, o Mestre Neferhotep adotou como seu herdeiro o trabalhador Paneb, que era filho de outro trabalhador, Nefersenut. Isto causou ciúmes no irmão mais moço — Amenakhte — que ambicionava o lugar de Mestre.

Quando Paneb foi feito Representante dos trabalhadores, Amenakhte objetou, considerando que ele, como irmão de sangue de Neferhotep, deveria ter sido apontado para a posição do irmão em lugar do filho adotivo.

Foram feitas muitas acusações contra Paneb através do Conselho da Vila e até pelo Vizir da Corte, em uma tentativa para desacreditá-lo. Quando Neferhotep morreu, foi até dito que Paneb teria maltratado o pai adotivo, mas mesmo assim ele foi indicado para o posto de sucessor do velho homem como Mestre, para o desagrado de Amenekhate.

Paneb foi acusado de conduta lasciva, de ser bêbado, de ser violento e, eventualmente, de ladrão de tumba, seu filho, o Representante Aapahte, também foi implicado. Parece que o temperamento violento de Paneb e sua atitude antagônica para com a família adotiva provocou sua ruína. (WILSON, Hilary: 1993, p.157) Inúmeros casos como este testemunham a prática da adoção na vila de Deir el Medina e ajudam a reconstruir um dos sentidos possíveis da carta de Nekhemut.

Por outro lado, a bondade é uma virtude sempre presente nas Instruções de sabedoria, tornando-se um lugar comum a idéia de que um homem não tem amigos famintos. A avareza aparece aí como um defeito condenável. Vale questionar ainda a questão do mau humor, do qual Nekhemut era acusado. Esse era o seu tom pessoal, segundo a carta — aquele elemento do cotidiano que permite ou não um bom entendimento entre as pessoas: afasta ou aproxima.

De conteúdo muito psicológico também é a carta que segue:

Dinastia XX Ramsés V

Para saber. Todo o dia eu peço a todos os deuses do céu e da terra para lhe dar vida e saúde. O que se passa com você? Por favor me comunique a natureza dos seus pensamentos para que eu possa entender. Na verdade, desde quando eu era uma criança até hoje, quando com você, eu não posso penetrar na sua natureza. Pode uma pessoa ser feliz se ele menciona alguma coisa para seu companheiro por duas vezes e ele (seu companheiro) falha em considerar isto como no caso da medida 'hin' de unguento que eu pedi a você e que você me prometeu mandar mas nunca mandou? Escreva-me sobre as suas condições em vez de unguento. Posso Amon aparecer para você. Você vai se beneficiar disto. Não é justa a forma como você tem regularmente me destrutado. *Um último ponto: ponha algum pão de molho e manda para mim (?), logo. Adeus*

A medida hin, no contexto, corresponde a uma fração do valor snw, o anel de prata. Certamente que o maior significado da queixa está no

questinamento: pode uma pessoa ser feliz quando o seu companheiro desconsidera seus pedidos?

Igualmente suplicante é a carta que Merityfy manda para sua mulher morta:

“

Terceiro período intermediário

Como está você? Está o ocidente cuidando de você (conforme) seu desejo? Desde que eu sou o seu amado na terra, lute em meu favor e interceda em meu benefício. Eu não deturpei sua presença quando eu perpetuei o seu nome sobre a terra. Remova a enfermidade do meu corpo! Por favor, torne-se um espírito para mim (em frente) a meus olhos. Então eu poderei ver você, como em um sonho, lutando a meu favor. Eu depositarei oferendas para você (tão logo) o sol levante. (WENTE: 1990, p. 215)

O tema da magia é recorrente nas correspondências, sobretudo pelo poder do nome escrito e da imagem, que passam a ser as próprias coisas e não simplesmente representá-las. Quanto ao primeiro, fazem-se os ritos mágicos, usando fórmulas; para os segundos, as representações.

Para os egípcios, os deuses davam a mágica aos homens para que eles a usassem na defesa das doenças ou para repelir maus acontecimentos. Acreditavam que, através dela, poderiam atingir animais e/ou pessoas más, através de injúrias inflingidas em réplicas de seus corpos e membros.

Conclusão:

Através dos inúmeros documentos que sobreviveram em Deir el Medina, possuímos atualmente muitas experiências sentidas. Entendemos que o homem — em todas as épocas — na sua cotidianidade, foi, ao mesmo tempo, um ser particular, com sentimentos pessoais, e um ser genérico no desempenho dos papéis sociais. Análises históricas, sob tal ótica, corroboram a idéia de que nenhum homem é capaz de atuar de tal forma que se torne um exemplo universal. Seremos sempre humanos e limitados nas nossas atitudes e realizações, a despeito da magnitude de nossa ambição.

Referências bibliográficas:

- BAKOS, Margaret M. “Relação familiares em Deir el Medina.” *Phoenix*. 1996. Laboratório de História Antiga, UFRJ — Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

- BIERBRIER, Morris. *La confrérie des bâtisseurs de Pharaon*. Courtry, Éditions du Rocher, 1993.
- CERNY, Yaroslav. *A community of workmen at Thebes in the Ramessid Period*, Institut Français D'Archeology Orientale du Caire, 1973.
- DEMARÉE and EGBERTS, ed. *Village voices*, Leiden, Centre of Non-Western Studies, 1991.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.
- JANSSEN, Jac. *Commodity prices from the Ramessid Period*, Leiden, E.J. Brill, 1975.
- LESKO, Leonard org. *Pharaoh's workers*, Ithaca e London, Cornell University Press, 1994.
- LURKER, Manfred. *The gods and symbols of Ancient Egypt*, London, Thames and Hudson, 1974.
- POSENER, George. *Dictionnaire de la civilisation égyptienne*, Paris, Hazan, 1988.
- ROCCATI, Alessandro. Un villaggio racconta. *Archeology*, (79), settembre, 1991, p. 990-98.
- . Il quotidiano degli Egizi attraverso i papiri di Torino. In.: CURTO, Silvio, org. *Egitto e società antica*. Atti del convegno. Torino, 8/9, VI — 23/24, xi, 1984
- ROMER, John. *Ancient Lives*, London, 1974.
- SAUNERON, Serge *A egiptologia*, São Paulo, DIFEL, 1970.
- WENTE, Edward. *Letters from ancient Egypt*, Atlanta, Scholars Press, 1990.
- WILSON, Hilary. *A quick and simple guide*, London, Michael O' Mara Books, 1993.